

Anuário de Literatura

Volume 15

Número 02

A FIGURA FEMININA E O
ESTEREÓTIPO DA MALDADE:
O EXEMPLO DE “LA
CORRIVEAU”

Mauren Pavão Przybylski
Doutoranda em Literatura Portuguesa e
Luso-Africana - UFRGS

THE FEMALE FIGURE AND THE STEREOTYPE OF EVIL: THE EXEMPLE OF “LA CORRIVEAU”

Resumo:

Marie Josephte Corriveau, conhecida como “La Corriveau”, foi, segundo o etnólogo Luc Lacourcière, a mulher que carregou a pior reputação da história canadense e, mesmo tendo morrido há mais de dois séculos, ela continua, como um fantasma, alimentando o imaginário de seu povo. A Corriveau foi condenada à morte pelo assassinato de seu segundo marido, embora a lenda conte que ela teria matado sete. A partir da análise dessas representações femininas, o presente estudo pretende demonstrar como esses seres ficcionais tiveram influência na reputação da mulher e na constituição da identidade feminina.

Palavras-chave: representação, lenda, identidade feminina

Abstract:

Marie Josephte Corriveau, know as “La Corriveau”, was according the ethnologist Luc Lacourcière, the women that charges the worst reputation of Canadian history and, even though she died more than two centuries , she continues, like a ghost, feeding the imagination of her people. Corriveau was sentenced to death for the murder of her second husband, although legend has it that she had killed seven. From the analysis of these representations of women, this study intends to demonstrate how these fictional beings had influenced on the reputation of women and the establishment of a female identity

Key-words: representation, legend, female identity

Marie-Josephte Corriveau é uma das figuras mais populares do folclore quebequense.

Tomando como base a expressão do etnógrafo Luc Lacourcière¹, La Corriveau conheceu um “triplo destino, histórico, lendário e literário”²

Texto inspirado em minha dissertação de mestrado intitulada : A representação feminina nos diferentes lendários: os casos da Teiniaguá e da Corriveau, defendida em fevereiro de 2009 no Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC e orientada pela professora Dr^a Simone Pereira Schmidt.

¹ Depois de ter investigado minuciosamente os autos do processo que se desenrolou no Québec em 1763 e que tinha sido repatriado da Biblioteca Publica de Londres, para o Québec pelo Sr. J. Éugène Corriveau, funcionário na cidade do Québec, o etnólogo Luc Lacourcière, professor na Universidade Laval, pôde reconstituir os fatos na origem das narrativas lendárias que circularam e circulam ainda sobre a Corriveau. É o primeiro de três artigos publicados em *Les Cahiers des Dix*, em 1968, que é reproduzido por Guilbault em sua recolha. Lacourcière reconstitui os fatos que cercam a morte de Louis-Étienne Dodier, segundo marido de Marie-Josephte Corriveau e retoma o golpe teatral que levou a um segundo processo enquanto que, na seqüência de um erro judiciário, é o pai de Marie-Josephte Corriveau que foi inicialmente julgado e condenado. Por fim, ele explica a sentença que estipulava que o cadáver deveria ser preso em uma gaiola. In: GUILBAULT, Nicole. *Il était cent fois La Corriveau*. Quebec: Nuit Blanche Éditeur, 1995, p. 147.

Sendo Guilbault nosso ponto de referência para o trabalho com a narrativa “La Corriveau”, as considerações retiradas de sua obra virão com a abreviatura NG, seguida da página na qual se encontram.

² Numa perspectiva multidisciplinar, diferentes abordagens nos permitem melhor assimilar e dar o verdadeiro valor ao lugar privilegiado que Marie-Josephte Corriveau conquistou na memória coletiva e na literatura do Québec. Inicialmente, o etnólogo Luc Lacourcière consagrou a ela três artigos, dentro dos quais “Le Triple Destin de Marie-Josephte Corriveau” é examinado em detalhes, depois que o autor analisou meticulosamente os autos do processo que foram guardados, durante aproximadamente dois séculos, na Public Library em Londres.

Depois disso, uma retrospectiva da evolução das sentenças, de 1763 aos dias de hoje, foi apresentada por

Monique Hamel, advogada, bem como uma descrição do quadro jurídico excepcional no qual o processo correu, sob o governo militar de Murray.

O contexto histórico da Conquista e os três governos de ocupação (Quebec, Montréal e Trois-Rivières),

Nascida na paróquia rural de Saint-Vallier, na Nova-França, e batizada em 14 de maio de 1733, Marie-Josephte Corriveau (1733-1763), popularmente conhecida como “La Corriveau”, é a única filha sobrevivente de Joseph Corriveau, agricultor, e de Françoise Bolduc. Casa-se aos 16 anos, em 17 de novembro de 1749, com Charles Bouchard, também agricultor, com quem tem três filhos. Entretanto, ele morre e pouco mais de um ano após sua morte (ele é enterrado em 27 de abril de 1760), ela casa-se novamente, no dia 20 de julho de 1761, com outro agricultor da região, chamado Louis Dodier. Contudo, na manhã de 27 de janeiro de 1763, ele é encontrado morto em sua granja, com numerosos golpes na cabeça. O corpo da vítima é enterrado na mesma noite, após testemunhas do lugar afirmarem ter sido morte acidental. Mas o fato de o enterro ter sido realizado precipitadamente, por vontade da família, e também o conhecimento de que a vítima não mantinha boa relação nem com sua esposa, nem com o sogro fizeram com que o rumor público de assassinato fosse alimentado.

O procedimento era, pois, em todos os pontos, insólito. As reticências e propostas dos moradores, o processo precipitado, e mesmo a atitude dos familiares, tudo era de natureza

responsáveis pela aplicação das novas leis inglesas dentro da colônia são analisados pelo historiador Yves

Tessier, que estabeleceu, também, um paralelo entre a reputação de bruxa atribuída à Corriveau e a execução das bruxas em Salem, aproximadamente 75 anos depois do processo. Louis-Philippe Bonneau, também historiador, forneceu as principais informações biográficas sobre os dois advogados que estiveram à frente do célebre processo: o advogado do governo Hector-Theophilus Cramahé e Jean-Antoine Saillant, que representava a Corriveau e o pai dela. NG, p. 15-16.

a estimular as piores suspeitas. Sem dúvida os canadenses quiseram acertar entre eles esse caso embaraçoso, envolvendo o mínimo possível as autoridades inglesas de ocupação. Mas não se contava com o rumor público (DION, 2005: p.83)

Não era normal que os familiares quisessem um enterro tão rápido, nem mesmo que os moradores, embora declarando ter sido morte acidental, deixassem que a dúvida pairasse no ambiente. As suspeitas não eram das melhores e todos os depoimentos dados por parte dos canadenses tinham o intuito de que a situação se resolvesse sem que fosse preciso envolvimento policial, todavia a pergunta que fica neste momento é a seguinte: seria possível, depois de uma situação amplamente divulgada, que as autoridades inglesas de ocupação não se envolvessem e que fosse feita justiça com as próprias mãos? Qual lei deveria ser aplicada, aquela publicada nos livros ou a dos homens pertencentes a essa sociedade?

Mesmo com a dúvida e a falta de vontade, principalmente por parte dos acusados, foi impossível manter as autoridades afastadas do caso e o corpo de Dodier foi exumado alguns dias mais tarde pelas autoridades inglesas, que concluíram tratar-se de assassinato.

No contexto social, político e econômico da época, a Nova-França, conquistada em 1760 pelos britânicos no período da Guerra dos Sete Anos, era administrada pela armada inglesa. As autoridades militares locais britânicas tinham por obrigação manter a ordem e, em função disso e com base nos rumores, determinaram uma investigação mais minuciosa sobre a morte de Dodier. Da investigação terá origem, no Quebec, em 29 de março de 1763, e diante de um tribunal militar composto por doze oficiais

ingleses, o processo de Joseph Corriveau e de sua filha Marie-Josephte. As suspeitas recaem primeiramente sobre o sogro da vítima, por se tratar de um homem de temperamento bastante forte e afeito a brigas, que não gostava do genro e não fazia questão de que tal sentimento fosse escondido. Sylvie Dion ³descreve em seus estudos que, depois de um primeiro processo na corte marcial, presidida pelo Tenente-Coronel Morris, Joseph Corriveau é condenado ao enforcamento por homicídio. Quanto a Marie Josephte, ela receberá a condenação – por ser cúmplice – de receber sessenta chicotadas em praça pública e de ter a mão marcada, com ferro em brasa, com a letra M (de *murder*, do inglês, “assassinato” ou “assassina”). A autora ainda destaca que, embora Joseph Corriveau se assumisse culpado, seu reconhecimento seria visto mais tarde como uma forma de proteção à filha, que exercia sobre ele grande fascinação. Assim, após ouvir Joseph Corriveau em confissão, o superior dos jesuítas, Padre Glapion, adverte a justiça de que o condenado tinha novas revelações a fazer, que o inocentariam. Um segundo processo é aberto, muito mais expedito dessa vez, acusando Marie-Josephte Corriveau e eximindo o pai de toda a culpa.

Marie-Josephte, então, confessa que é culpada e que matara o marido, Louis Dodier, enquanto ele dormia, usando um pequeno machado. Mostra-se fria ao declarar não ter precisado da ajuda de ninguém para cometer o crime e por isso aceita bem a sua morte.

³ Idem, *ibidem*.

Inconscientemente ela sabe que, embora tenha tido suas razões para matar Dodier, jamais será compreendida. É uma figura feminina que se rebelou contra toda a norma de submissão que suas iguais devem seguir. Segundo Luc Lacourcière, ela teria pedido à Corte apenas uma confissão, para que ficasse em paz com o céu antes de cumprir seu destino. Todavia, isso é uma visão bastante masculina acerca do feminino, uma visão religioso-católica, de um dogma radical válido, sobretudo, para as mulheres³⁸. E, por fim, ela teria acrescentado uma das questões que permanecem incógnitas até hoje, ao dizer que cometeu o crime devido aos maus tratos de seu marido. Tomando tal consideração como base, então, ela teria agido em legítima defesa? Mas, teria ela o direito de se defender?

A execução aconteceu em Buttes-à-Nepveu, perto de Plaines d'Abraham, a oeste do atual porto de Saint-Louis, provavelmente no dia 18 de abril. O corpo foi em seguida, conforme a sentença, exposto numa espécie de gaiola feita de corrente e círculos de ferro, suspensa a um patíbulo erguido na Pointe-Lévy, próximo a um cruzamento. O corpo e a gaiola permaneceram expostos para quem quisesse vê-los até aproximadamente o dia 25 de maio, data na qual uma ordem do governador James Murray permitiu o recolhimento e o enterro. Essa exibição post mortem de Marie-Josephte Corriveau em um cruzamento (uma pena inabitual e desconhecida durante o Regime Francês e reservada na Inglaterra às pessoas reconhecidas culpadas dos crimes mais graves), as ressalvas do processo, os rumores de que seu pai seria inicialmente

reconhecido culpado da morte de Dodier sob a influência de sua filha e as suspeitas que recaem sobre ela em seguida, face às circunstâncias da morte de seu primeiro esposo, são todos fatos que instigam a imaginação popular e transformam os relatos transmitidos ainda hoje pela tradição oral, multiplicando o número de maridos assassinados (até sete) ou ligando a Corriveau à representação de uma bruxa⁴.

Por volta de 1850, a descoberta de uma gaiola de ferro enterrada no cemitério de Lauzon, cidade localizada ao sul do Québec, parece ter reativado as lendas e os contos fantásticos, que foram ampliados e explorados por escritores do século XIX. O primeiro, em 1863, Philippe Aubert de Gaspé Pai⁴⁰⁵, em *Les Anciens Canadiens*, coloca uma Corriveau sobrenatural pendurada na sua gaiola na Pointe-Levy, aterrorizando à noite um pedestre ao qual ela suplica que a conduza ao sabbat das bruxas e dos fogos-fátuos da Île d'Orléans.

⁴ Todas estas informações históricas estão presentes no artigo de Sylvie Dion “A legendificação do ‘fait divers’: o caso de Marie-Josephte Corriveau, a enforcada engaiolada”, publicado na revista *Signo*, no qual a autora discorre acerca da condição da Corriveau e do papel que ela exerce na sociedade, enquanto personagem feminina e também como a esposa de Bouchard e de Dodier. Nossa discussão perpassará as idéias de Dion no que tange ao grande questionamento: seria ela culpada ou inocente, maquiavélica ou vítima da justiça popular? São esses alguns dos questionamentos que farão parte de nosso trabalho.

⁵ Philippe-Aubert de Gaspé nasceu no Quebec em 30 de outubro de 1786. Ele é o pai do autor de *L'influence d'un livre* (Philippe-Aubert de Gaspé Filho), que morreu jovem após ter deixado provas de que poderia ter se tornado um dos mais belos talentos literários do Québec. A família De Gaspé, originária da França como o próprio sobrenome indica, pertencia à nobreza e se estabeleceu no Canadá desde os primeiros tempos da fundação da colônia. Ele desempenhou um papel tão importante quanto honorável antes e depois da conquista.

James MacPherson *Le Moine* (*Maple Leaves*, 1863) (1995, p. 20) e William Kirby, em suas reescrituras (*The Golden Dog*, 1877), criaram uma envenenadora profissional, descendente direta da Voisin⁶. Literatos e historiadores como Louis Fréchette e Pierre-Georges Roy tentaram narrar a história da Corriveau, mas sem conseguir dissociar completamente os fatos reais das fantasias anacrônicas ou dados lendários e romanescos. Já os autores do século XX, como Gilles Vigneault e Anne Hébert, a descreveram sob os traços de vítima da justiça popular, de um processo ocorrido diante de um tribunal militar inglês em que nem a acusada nem os acusadores se compreendiam, já que ela falava francês e eles, inglês.

A figura da Corriveau inspira romances, canções e peças de teatro e alimenta controvérsias (seria ela culpada ou não?). A tradição oral se perpetuou e tornou-se bastante viva, conforme testemunham as numerosas narrativas recolhidas nas mais diversas regiões do Quebec.

⁶ Catherine Deshayes é o nome de solteira da viúva Montvoisin, chamada La Voisin (Paris, 1640 – Paris, 1680). Aventureira francesa, quiropata, adepta das práticas ocultas, era uma mulher sábia por profissão e médica aborteira por escolha. Depois da morte de seu marido, seu amante (um certo “Lesage”) e um padre satânico (o abade Mariette) a iniciaram na magia negra, à qual ela passou a se dedicar e por meio da qual seria responsável pelos prováveis envenenamentos que aconteceram em sua época. Toda sua ação foi impulsionada pela Senhora de Montespan que, ao ser trocada, por Luís XIV, pela Senhorita de Fontagnes, buscava recuperar seu posto de esposa a partir do uso de sortilégios. Julgada, La Voisin foi presa e condenada à morte. Ela fez referência, no momento de seu processo, ao nome de seus clientes que figuravam no almanaque de Paris da época. Foi condenada a morrer queimada na praça de Grève em 22 de fevereiro de 1680. Quanto à Senhora de Montespan, esta não foi condenada, visto que era protegida pelo rei. Assim, ela continuou a frequentar a Corte. Disponível em: http://www.sheluna.com/histoire_legendes_ages.php. Acesso em: 26 set. 2008.

Nubia Hanciau (2003, p. 11) distingue a Corriveau de outras representações lendárias pela particularidade de durar e mesmo ressurgir pontualmente, no calor dos manifestos nacionalistas, ocupando um lugar ambíguo de assassina e sacrificada no imaginário coletivo quebequense. No âmbito das figuras mitológicas que inspiraram a tragédia através dos séculos, como as de Shakespeare, Corneille ou Racine, Ésquilo, Sófocles ou Eurípedes, Marie-Josephte Corriveau carrega consigo a sombra da morte, da fatalidade, do excesso. Para alguns, seu destino fatal se assemelha ao de Desdêmona, a heroína shakespeariana que morre vítima da vingança de Otelo. Para outros, ela é da categoria de Medéia, mágica célebre por seus crimes, personagem cruel da mitologia grega e da tragédia de Corneille. No Québec, escritores de diferentes épocas interpretaram e definiram a Corriveau de distintas maneiras.

Os autores contemporâneos vêem a morte dessa personagem feminina como uma conseqüência injusta e trágica do ciúme de seus compatriotas e a ilustração da alienação que era aquela, em 1763, de todo esse país que fora traído, invadido, conquistado, ao contrário dos escritores do século XIX, que descrevem a Corriveau como uma mulher culpada e diabólica, cujo fantasma ataca aqueles que passam para que a ajudem a encontrar seus amigos fantasmas da Île d’Orléans (Aubert de Gaspé Pai), ou ainda como envenenadora capaz de matar por ganância uma outra mulher (William Kirby).

O fato é que ver a Corriveau como representação ambivalente não é algo que surpreenda nem mesmo aos estudiosos mais interessados pelo funcionamento dos mitos, uma vez que as narrativas possuem por si só a capacidade de adaptar as crenças por elas veiculadas à ideologia dominante e, com isso, apresentar os momentos históricos da forma que for mais conveniente, seja ela a partir de um acontecimento positivo ou negativo.

Na tradição oral européia, uma das figuras lendárias que, como a Corriveau no Quebec, cristalizam mais claramente esta ambivalência das figuras mitológicas é Geneviève de Brabant. Na alta Idade Média, as narrativas populares contavam, em diversas versões, a história de uma jovem injustamente acusada de infidelidade por seu cunhado, que a desejava e que, após ser abandonada na floresta, serviu de comida para os animais. Seu marido descobriu a verdade, a reabilitou e matou aquele que a havia falsamente acusado. Na baixa Idade Média, as versões profanas dessa história foram recuperadas pela igreja e o clero, construindo uma narrativa hagiográfica, a narrativa de Santa Geneviève de Brabant, que eles apresentaram como injustamente acusada de adultério, mas que foi, segundo escreveram, milagrosamente recebida pelos anjos, visto que tinha sido abandonada na floresta e que terminou por se retirar do mundo e viver como ermitã, tendo sua inocência reconhecida. Sobre seu túmulo foi construída uma igreja que se tornou lugar de peregrinação. De figura profana nas narrativas populares, a personagem transformou-se em figura

religiosa dentro dos textos difundidos pela igreja (HANCIAU, 2004, p. 120).

A verdade é que os escritores, de forma geral, beberam na fonte da literatura oral para escrever textos, peças de teatro, canções ou outro tipo de manifestação literária da qual a Corriveau era objeto. Gilles Vigneault, por exemplo, retoma em sua música a crença veiculada pelas lendas populares que circulavam no século XIX, e que ainda hoje circulam, de que a Corriveau teria sido colocada viva dentro de uma gaiola de ferro para que morresse de fome e frio.

Segundo Guilbault, na peça teatral *La Cage Anne Hébert* apresenta a personagem principal como uma mulher que foi acusada injustamente e vítima da mesquinhez de seus compatriotas. A autora cruza personagens imaginárias com reais, como o advogado Cramahé, responsável pela defesa da acusada, mas cria uma nova personagem, um homem apaixonado por Marie-Josephte Corriveau, que tomará partido pela acusada e lhe dará, posteriormente, a defesa que ela não pôde ter durante o seu verdadeiro processo.

Já com Aubert de Gaspé, podemos supor que ele escutou a lenda sobre essa mulher de Saint-Vallier de Bellechasse, dos recenseadores e de outros habitantes dos vilarejos próximos ao seu (Saint-Jean-Paul-Port-Joli). Quando ele publicou *Les Anciens Canadiens*, em 1864, e contou em um dos capítulos a lenda da Corriveau, já haviam passado cem anos desde o seu enforcamento (1763), ou seja, aproximadamente o tempo de quatro

gerações. As pessoas se casavam muito jovens na época (frequentemente com 16 ou 17 anos para as moças, e por volta de 20 anos para os rapazes) e, portanto, podemos mesmo supor que os contemporâneos tinham um avô ou uma avó que haviam visto a gaiola e assistido ao processo.

A Corriveau inspirou diversas manifestações culturais, entre elas: *Les Anciens Canadiens* (Québec, 1863), romance de Philippe Aubert de Gaspé; “Marie-Joseph Corriveau, a Canadian Lafarge”, em *Maple Leaves: a Budget of Legendary, Historical, Critical, and Sporting Intelligence*, de James MacPherson Le Moine; *The Golden Dog, a Legend of Quebec* (1877), romance de William Kirby, traduzido para o francês por Léon-Pamphile Le May – *Le Chien d'Or, légende canadienne* (Montreal, 1884); “La Cage de La Corriveau”, novela de Louis Fréchette, aparecida pela primeira vez no número especial do jornal *La Patrie*, em 24 de fevereiro de 1885, retomada em várias publicações sobretudo com o título “Une Relique” no *Almanach du peuple* da Livraria Beauchemin (Montreal, 1913); “La Corriveau” (1971), música escrita por Gilles Vigneault, popularizada pela interpretação de Pauline Julien. Aqui, há uma quebra de tempo: 100 anos depois a Corriveau volta a ter reconhecimento na sociedade quebequense, a partir do retorno do feminismo, em 1976, com a peça de teatro de Victor-Lévy Beaulieu, intitulada “Ma Corriveau”, encenada por André Pagé e apresentada no *Théâtre d’Aujourd’hui* de 19 de setembro a 30 de outubro de 1976. Em 1981 surge *La Corriveau*, romance histórico de Andrée LeBel. Em 1990, *La cage*, peça de teatro de

Anne Hébert, e em 1993, “*La Corriveau au Carnaval de Québec*”, novela do romancista Douglas Glover, publicada na recolha *Meurtres à Québec*. Ainda em 1993 temos “*La Corriveau*”, peça de teatro de Guy Cloutier, encenada por Denise Verville e apresentada no *Périscope*, de 12 a 30 de janeiro; retomada, adaptada e difundida em drama televisivo pela *Radio-Canada* em 1995. Em 1999 é publicado *La Maudite*, romance juvenil de Daniel Mativat, e em 2001, “*La Corrida de la Corriveau*”, música do grupo *Mes Aïeux* (álbum *Entre les branches*). Em 2003: *La Fiancée du vent: l’histoire de la Corriveau, née en Nouvelle-France et pendue sous le Régime anglais*, romance de Monique Pariseau. Em 2003 é publicado *Julie et le serment de la Corriveau*, romance juvenil de Martine Latulippe. Em 2004 surge *Nouvelle-France*, filme dirigido por Jean Beaudin (adaptação livre do tema da Corriveau) e finalmente, em 2006, temos *La Corriveau*, filme de animação de Kyle Craig.

Dentre estes tantos relatos ainda transmitidos “de bouche à oreille”⁷ sobre a Corriveau, alguns a apresentam como uma linda mulher e uma vítima inocente, outros como uma bruxa, uma envenenadora ou uma assassina sanguinária. Guilbault (1995, p. 14) apresenta no primeiro capítulo de sua recolha sobre a Corriveau quinze versões da narrativa, que podem ser vistas como um apanhado da diversidade de histórias ainda em

⁷ “De bouche à oreille” é uma expressão frequentemente utilizada no contexto da francofonia para referir-se a esse caráter oral

circulação, e enfatiza a ambivalência responsável pela conservação da personagem dentro da memória coletiva contemporânea.

Para que entendamos a personagem Corriveau em sua existência literária e histórica, é interessante destacar algumas lendas-satélite, ou seja, narrativas de crença que gravitam em torno dela, em sua época, seu contexto histórico e suas condições jurídicas. “L’hôte à Valiquet”⁸, de Joseph-Charles Tache, aborda um contexto narrativo que não parece conservar nenhuma versão oral, mas que é retomado em *Forestiers et Voyageurs*. Neste último tem-se o relato de um homem que foi condenado à morte em 1761 em Montreal e, segundo o costume inglês, seu cadáver, assim como o da Corriveau em 1763, foi colocado em uma gaiola de ferro e preso a uma árvore a título de exemplo público. Valiquet, que dá nome à lenda, teria também insultado o cadáver, aplicando-lhe um golpe de machado. A narrativa de Taché aparece acompanhada por uma explicação histórica, a qual resume o acontecimento que a originou.

O filme *Cordélia*⁹, do cineasta Jean Beaudin, contribuiu para reviver a memória de Cordélia Viau, mulher condenada a ser engaiolada presa com as costas às de seu amante, no norte de Montreal, tendo por isso sua imagem por vezes confundida com a da Corriveau. O intendente Bigot

10suscitou, ele também, narrativas populares. A resplandescência de suas recepções e suas despesas escandalosas, em um período crucial no qual a Nova França vivia na privação, alimentaram tanto contadores de histórias quanto historiadores. Isso se justifica, segundo Nubia Hanciau¹¹, pelo fato de as lendas na Nova França confundirem as regras sociais e religiosas de maneira a produzirem um só sistema de valores dentro da sociedade tradicional.

É o escritor William Kirby, contudo, em seu romance *Le chien d’or*¹², que revive e fixa na literatura escrita as lendas acerca do Château Bigot e imagina que a Corriveau envenena uma das meretrizes do intendente, mantida refém em suas cavernas. Ainda sobre a obra de Kirby, Hanciau destaca que ele reescreve o acontecimento a seu bel prazer: “seu seio estéril era um árido deserto, habitado por sátiros e dragões e por todas as paixões maléficas que tomam conta de uma mulher sem consciência e sem amor”. Com ascendência européia, sua mãe, também feiticeira, ensinou-lhe um veneno que não deixava vestígio.

Para Kirby, ela é uma envenenadora descendente da famosa feiticeira francesa *La Voisin*. Em uma perspectiva multidisciplinar, diferentes pontos de vista permitem melhor posicionar e avaliar de forma justa o

⁸ Narrativa disponível em http://amonteregic.qc.ca/FraSansVolume/recit...qc.ca/.../Hote_a_Valiquet.doc Acesso em 28 novembro 2011

⁹ Sobre o filme *Cordélia*, ver <http://filmsquebec.over-blog.com/article-26213370.html>. Acesso em 28 novembro 2011.

¹⁰ Sobre o Intendente Bigot, ver em <http://quebecblogue.com/archives/2007/05/28/lintendant-bigot-et-la-conquete/> Acesso em 28 novembro 2011.

¹¹ Nubia Hanciau dá destaque a essas narrativas que contribuíram na constituição da representação Corriveau em sua obra intitulada “A Feiticeira no Imaginário Ficcional das Américas”. Rio Grande: FURG/ABECAN, 2004.

¹² *Ibidem idem*

valor do lugar privilegiado que Marie-Josephte Corriveau alcançou dentro da memória coletiva e literária do Quebec.

Não existe mulher, em toda a história canadense, que tivesse pior reputação que Marie-Josephte Corriveau, chamada comumente de “A Corriveau”. Esta infeliz morreu há mais de dois séculos. Mas ela continua assombrando as imaginações. Fala-se ainda dela, de seu crime real e de seus crimes fictícios (...). Além do mais o nome da Corriveau é associado ao suplício excepcional, odioso e horrível que ela suportou: o fato de ser enforcada e exposta publicamente, durante um longo tempo, em uma gaiola de ferro que, mesmo desaparecida, foi o terror de muitas gerações (DION, 2005, p. 83).

Dion na referida citação, entre outras coisas alude à reputação da Corriveau. É bastante comum que o povo criasse opiniões acerca destas representações, até por ser ele quem presentifica as narrativas das quais estes mitos fazem parte, através daquilo que se conta dentro do ambiente social. A história do Québec, embora não seja o aspecto histórico focalizado aqui, mas o lendário, entende a Corriveau como uma personagem. Para nós, seu significado repousa no fato de ser ela, também, uma representação mítica a qual procuramos entender e definir a partir dos seus crimes fictícios e o do suplício por ela sofrido: o de ter sido enforcada e exposta publicamente durante longo tempo num cruzamento em uma

gaiola de ferro¹³, que aterrorizou muitas gerações. Para Nubia Hanciau (2000, p. 112), se a evocação dessa personagem ¹⁴“sangrenta” nas noites da Comédie Canadienne até hoje provoca emoção é porque ela se distingue pela particularidade de durar e ressurgir. Embora tenhamos o hábito de apagar rapidamente os ídolos da memória, a Corriveau segue ocupando um lugar ambíguo no imaginário coletivo: ora assassina, ora vítima, sempre é referência dúbia e complexa. Poderíamos acrescentar aos lugares do imaginário citados pela autora alguns estereótipos pelos quais a Corriveau é vista e que serão objeto de nosso estudo:

(...) bruxa, assassina, aquela que vem para trazer o mal. Descrita como mulher “ciumenta”, “pedante”, “ladra”, “assassina de crianças”, diz-se que seu fantasma aparece na noite de Halloween. Com estes vícios, ou bem ao contrário, conhecida como a “mais linda” do vilarejo, “inteligente”, ou ainda “vítima de intrigas”, provavelmente sua falha tenha sido assassinar o marido, caso que nunca foi comprovado pela justiça (2000, p. 112).

¹³ A Corriveau, como vimos anteriormente, foi condenada a morrer enforcada e ter seu corpo exposto em praça pública, numa gaiola de ferro, para servir de exemplo à população da região. A gaiola, após a exposição, foi enterrada no cemitério na frente da igreja do vilarejo. Aproximadamente 150 anos depois, em 1840, com a reforma do cemitério, a gaiola foi encontrada, junto com alguns ossos. Ela foi vendida ao empresário Barnum, de Nova York, que a expôs como curiosidade durante muitos anos.

¹⁴ A autora originalmente refere-se à Corriveau como personagem histórica, já que a analisa nesse contexto. Como o que nos interessa aqui é estudar o mito através dos tempos a definiremos enquanto representação.

Assim, percebemos que Hanciau se utiliza de características humanas para definir este mito de grande força até hoje no Québec. Nenhum dos casos descritos foi tão grave quanto o suposto assassinato cometido pela Corriveau, entretanto supõe-se que esse assassinato tenha sido algo imposto pela sociedade como forma de justificar sua condenação. Se para alguns ela tinha um instinto de feiticeira, seria muito mais fácil distorcer fatos, utilizar-se de suas separações (que não eram bem aceitas na época) e nisso justificar sua condenação, do que dizer que ela foi condenada por ser ciumenta, pedante ou ladra. A Corriveau representa, portanto, na sua idealização enquanto figura feminina, o exemplo de transgressão e o contraexemplo do comportamento que deve ser evitado a todo custo.

Todavia, é possível perceber nessa relação exemplo/contra-exemplo, uma constante nos dois mitos trabalhados, já que o mito da Corriveau é visto pelos quebequenses ainda de forma contraditória, despertando reações de atração e repulsa. Eles a entendem como personagem lendária, mas que realmente existiu no Québec e sofreu todas as conseqüências dos crimes supostamente cometidos; ela era criminosa por ser mulher, por ter vontade própria, por querer criar as suas regras em uma sociedade que não aceitava mudanças, muito menos advindas de uma mulher. Tornou-se um dos grandes referenciais memorialísticos do Québec, uma vez que após a sua suposta morte o povo passa a criar espécies de fórmulas para justificar as transgressões que ela cometeu e as conseqüências do ato transgressor. Ela morreu porque matou, morreu porque decidiu com quem se casar, e

toda mulher que resolvesse se portar como Marie-Josephite podia ter a idéia de qual seria seu destino.

Assim, percebemos que os poderes femininos de bruxaria e feitiçaria servem como motivo para condenação das personagens femininas; a mulher é a bruxa, feiticeira; o homem, a vítima. O ato da bruxaria pode ser entendido, também, como contra-exemplo, visto que toda mulher que fugisse aos padrões determinados por essa sociedade, que via nos homens aqueles que tinham todos os direitos e poder, e nas mulheres as que cometiam crimes e/ou levavam outros a cometerem, teria o mesmo destino da Corriveau: a morte. E é nessa esteira que vão surgir as lendas, gênero híbrido, sobreposto entre o *fait divers* e o conto fantástico¹⁵.

O que acontece nas narrativas é que realidade e ficção são distorcidos pelo imaginário popular, que, segundo Sylvie Dion, explora os valores morais do grupo, pondo em evidência ora um exemplo a seguir, um modelo de indivíduo, ora um contra-exemplo, um desvio de comportamento a ser evitado (como é o caso dos mitos da Teiniaguá e da Corriveau).

Ainda para Dion, é possível afirmar que as lendas, entre elas as narrativas de bruxas e feiticeiras, baseiam-se numa relação dialógica entre aquilo que as pessoas imaginam e os fatores políticos e sociais que as cercam. Para uma coletividade, segundo ela, as lendas representam a valorização de seu passado, de sua tradição, o respeito àquelas regras e

¹⁵ Idem, *ibidem*.

normas estabelecidas pela sociedade. Ou seja, contar essas histórias é uma forma de manter viva a tradição e estabelecer contraponto entre aquilo que era proibido e o que não é mais (pelo menos de acordo com as leis). Sabemos que existem muitas sociedades que, embora se digam mais evoluídas, ainda escondem a vontade de que aquelas leis do passado sejam mantidas. Isso é bastante comum entre as pessoas mais velhas; muitas ainda se espantam com, por exemplo, as traições cometidas pelas mulheres, e esperam que elas sejam condenadas por isso.

Nesse sentido, o ato de pensar em todo o sofrimento pelo qual a Corriveau passou por ter tentado ir contra às normas e buscar a afirmação de sua condição feminina faz-se presente até os dias de hoje na sociedade quebequense. E mesmo que as mulheres não ajam com base nessa tradição, dada a evolução das normas e da condição feminina – a história da Corriveau permanece em suas mentes como um fantasma atormentador que não as deixa esquecer como foi grande a luta para que a mulher alcançasse seu espaço. É como se, naqueles momentos em que a mulher não luta por suas vontades, ou se deixa violentar por um homem, a Corriveau pudesse voltar para chamar-lhe a atenção. Para Dion, o crime e o horror do castigo de Marie-Josephte Corriveau permanecem até hoje na memória do povo quebequense, povo este que desenvolve seu relato, pouco a pouco, em torno da força da encruzilhada de Lévis¹⁶. A famosa

gaiola torna-se o elemento mais estável na conservação do discurso popular e lendário, uma vez que não deixa as pessoas esquecerem o suplício (ou apenas um merecido castigo, no pensamento masculino dominante) sofrido pela Corriveau.

Dion diz ainda que durante um longo período de incubação, as narrativas das testemunhas oculares, das pessoas presentes no processo, dos membros das famílias envolvidas se misturarão, se amplificarão, circularão em jogos de memória e de imaginação com muito mais liberdade do que todas as peças oficiais às quais o povo jamais teve acesso, dispersas ao acaso dos arquivos. A Corriveau da narrativa sobreviverá como fantasma e virá assombrar os lugares de sua desgraça, vilã-esqueleto engaiolada que participa dos sabás das bruxas da ilha de Orleans, como conta Phillipe Aubert de Gaspé Pai⁸³. Os mortos vêm assombrar o mundo dos vivos por muitas razões. Algumas vezes, para ajudar seus próximos, outras para punir ou cumprir uma promessa, ou

Beaumont e Saint-Antoine-de-Tilly. A execução da Corriveau aconteceu em Buttes-à-Nepveu, perto das Plaines d'Abraham, um pouco a oeste do atual Porto de Saint-Louis. O corpo foi, em seguida, conforme a sentença, exposto "dentro de correntes", ou seja, de um tipo de gaiola feita de correntes e de círculos de ferro, suspensa a uma força erguida na Pointe-Lévy, no cruzamento dos caminhos de Lauzon e Bienville (hoje as ruas St.-Joseph e a rua de l'Entente). O todo estava situado perto de um antigo promontório religioso, localizado entre as ruas Saint-Joseph e Vaudreuil. O corpo na gaiola foi exposto à vista dos que por ali passavam até mais ou menos dia 25 de maio, data na qual, em função do pedido dos habitantes da região, uma ordem do governador James Murray permitiu a retirada e o enterro da gaiola no cemitério da igreja de St-Joseph-de-la-Pointe-Lévy. Disponível em <http://fr.wikipedia.org/wiki/L%C3%A9vis> Acesso em 18 nov. 2008.

¹⁶ Lévis é uma cidade quebequense que detém as obrigações administrativas legais de uma municipalidade regional do distrito na região administrativa Chaudière-Appalaches, da qual ela é capital. A cidade é situada no lado sul do rio Saint-Laurent, na frente de Québec, entre

ainda para se vingar. Este será o caso da Corriveau. Entre o verdadeiro e o verossímil, o real e o fictício, a multiplicação dos detalhes, que parecem verdadeiros, é que teremos a ficção enraizada no real. É assim que o sobrenatural intervém na realidade e que a justiça humana e a justiça divina se entrelaçam. A criminosa possui, sob a moral aparente do exemplo, a não ser seguido, toda uma memória de lutas e afrontamentos. “Discurso de prevenção e adversão, nascido da necessidade de demarcar o normal e o anormal, o moral e o imoral, a lenda relata a transgressão, o interdito” (DION et al., 1999, p. 225-241). Os transgressores, pelo anti-modelo que encarnam, colaboram para o estabelecimento das normas e à coerência, já que nessas narrativas é sempre a partir do antimodelo que vai nascer o modelo; o exemplo negativo vem para mostrar o que se espera do comportamento feminino. Os mitos são inscritos nas narrativas para representar e normatizar o padrão de conduta feminina ideal. Foi assim que Marie-Josephte Corriveau tornou-se assassina em série, envenenadora e fantasma vingador, passou à história se diferenciando radicalmente de outras representações lendárias femininas idealizadas santas, mulheres vítimas, personagens maternais, anjos de doçura e passividade¹⁷

¹⁷ Reagrupados sob a denominação de “Damas de Branco”, essas personagens lendárias femininas encarnam ora a virgem Maria, ora o fantasma de uma jovem morta prematuramente, que continua a assombrar os lugares do drama como a “Blanche de Beaumont”, jovem francesa raptada por piratas quando fazia sua travessia em direção ao novo mundo, que preferirá se jogar no mar a ceder aos avanços do pirata; e a “Dame des chutes Montmorency”, que desesperada com o anúncio da morte de seu noivo, joga-se do alto da cachoeira. Cada uma delas vai aparecer numa determinada região. As damas de branco são comuns em diversos lugares do Brasil, inclusive no Rio Grande do Sul; já a Dame

O que queremos é partir da análise da Corriveau como representação feminina, como esse mito pode ser a base para entender a maneira como alguns estereótipos femininos são legitimados, sejam eles o da bruxa, assassina, ou da vítima da justiça popular, tanto na sociedade quebequense, quanto na sociedade como um todo. Para tanto, começaremos analisando a Corriveau enquanto bruxa.

Quando nos deparamos com a representação feminina Corriveau, deparamo-nos com uma figura que representa a transgressão sob a forma de assassinato. É a representação da mulher – bruxa – que, por meio do uso de poderes, de uma força sobrenatural a ela dada no momento necessário – vai assassinar o marido por puro instinto, seja ele um instinto genuinamente assassino ou de defesa. Vendo-a como sedutora, já que logo depois da morte de um marido ela casa-se novamente, é preciso atentar ao fato de que a sedução e o erotismo têm, neste caso, o propósito de ser algo pejorativo, levar à destruição (a destruição da moral do homem face à sociedade, quando trai, ou a destruição de si mesma, quando transgride, e, assim, é condenada à morte). Por outro lado, vendo-a como uma vítima, podemos justificar que o delito foi cometido como forma de defesa face aos maus-tratos sofridos. A narrativa deixa-nos em aberto essa possibilidade: a de que a transgressão é desencadeada pela não-aceitação de um destino. A sociedade determina papéis que vão normatizar

des chutes de Montmorency aparecerá em Montmorency, mas também em diversas regiões do Québec.

diferentemente a participação de homens e mulheres nas instituições sociais, políticas e religiosas, o que inclui as atitudes, valores e expectativas que dada sociedade conceitualiza como masculinos e femininos. Portanto, aquilo que poderia ser visto como uma forma de proteção dos maus-tratos sofridos é encarado enquanto um comportamento violento, transgressor, próprio das figuras femininas que têm o poder da magia e o utilizam como forma de vingança e tentativa de libertação.

As bruxas dentro das narrativas exploram um universo no qual os modelos sociais conscientemente assumidos e preestabelecidos não são suficientes para justificar seus atos. O universo de que elas fazem parte é aquele da hegemonia da figura masculina; o homem é o modelo, o herói no qual depositamos todas as expectativas acerca de um guerreiro; um homem racional, violento, ativo e dotado de conhecimentos científicos. A ele a mulher deve respeito e obediência. Na contramão disso está a Corriveau, uma vez que a própria história relata que seu primeiro crime grave é permitir a condenação do pai. A mulher foi criada para ser suave, passiva, cordial, sacrificar-se em benefício do homem; deixar que o pai fosse acusado por um crime que (provavelmente) não cometeu é assumir sua culpa, já que um homem, mesmo que culpado, não poderia ser condenado. Isso nos permite afirmar que a mulher (personagem feminina) tem o dever de se sacrificar em nome do homem (personagem masculino) que tudo pode. Por isso, a revolta da Corriveau contra o privilégio da figura masculina, ela está revoltando-se contra as próprias normas e regras

do sistema, trilhando, assim, um caminho que a leva a graves conseqüências, culminando em condenação pesada e dolorosa.

A partir disso, e tomando como base a dupla viuvez 18da personagem, Dion et al. (1999, p. 225-241) ainda afirma que o fato de ela ter sido enforcada e ter tido seu cadáver engaiolado exposto em uma encruzilhada, possibilita a definição da Corriveau como figura lendária, bruxa póstuma, envenenadora, assassina em série, vítima da justiça popular; justiça essa que pune severamente o desvio e a transgressão aos bons costumes, sobretudo as transgressões femininas. Isso, segundo Dion, com base nas idéias de Barbara Michel, dá-se pelo fato de que a representação da mulher assassina manifestar-se de forma mais perversa, mais maquiavélica, mais calculadora que qualquer homem criminoso, uma vez que ela se utiliza do veneno para realizar suas maldades (DION, 2005, p. 83). E é justamente esse veneno que para a autora vai ser responsável pela abertura das portas do imaginário. Como vimos anteriormente, o povo precisa encontrar motivos em sua memória para justificar os atos da Corriveau. O veneno seria, então, o que os faria entender o modo pelo qual ela cometeu os assassinatos. O ato criminoso poderia ser entendido como uma forma de libertação da condição de dominada; e mesmo logo em seguida ela vem a ser condenada por tais delitos, o fato de ter se sentido livre para decidir o

¹⁸ Falar aqui em dupla viuvez é referir-se às mortes dos dois maridos da Corriveau, Charles Bouchard e Louis Dodier, cuja morte desencadeou um clima de desconfiança na população da região. Sobre este acontecimento, ver o capítulo 1 da minha dissertação de mestrado.

que era melhor para si já traz a realização da personagem feminina enquanto mulher.

A bruxa vai se modificando com o passar do tempo e das gerações, mas toda a visão que se tem dela é uma visão imposta pela sociedade. Marie-Josephte é condenada à morte e engaiolada em praça pública para que sirva de exemplo à população da região. O fato de ela ter servido de exemplo pode ser justificado a partir da função pedagógica de cunho moralizador que toda a bruxa possuía durante os séculos em que a igreja focou a doutrina cristã no combate ao seu grande inimigo, o satanás, demônio, maior adversário de Deus. A bruxa, por sua vez, estava ligada ao diabo, que é uma representação fálica, masculina, e isso se explica pelo comportamento patriarcal da sociedade. Não é papel da mulher o de disputar o poder do universo, nem mesmo se ela for considerada adversária do homem – divindade masculina central – e sim, o de ser cordata e aceitar sua condição. Na condição de bruxa, o seu poder era justificado a partir de sua convivência com os demônios e de seu pacto com o diabo – entidades genuinamente masculinas – sendo, portanto, inconcebível que uma representação feminina pudesse, por si própria, realizar fenômenos sobrenaturais.

É interessante notar que as narrativas de mulheres que matam relatam o delito de personagens femininas com poder e que não recebem amparo do Estado. Independente de quem conta, ou da maneira em que a narrativa será descrita, a punição está sempre ligada ao gênero e vai ser mais leve ou

mais pesada de acordo com quem mata. O sexo, portanto, é determinante no sentido da representação. A representação em “La Corriveau” é feminina e, por isso, o ato do assassinato é algo premeditado e advindo do seu espírito vingativo e seu poder de bruxaria e magia. O crime feminino, segundo Josefina Ludmer, está na maioria das vezes ligado a motivos domésticos.

As que matam na ficção deixam muitos “indícios femininos”: todas matam por paixão, por amor, ciúmes ou vingança, e seus crimes são domésticos; matam ex-amantes ou maridos que não cumpriram com sua palavra ou mentiram. Este é um dos contos da cadeia: crimes privados, de paixão feminina desenfreada. É esse lado do gênero da cadeia que se choca diretamente com certa realidade, sem torção, porque o crime doméstico é o tipo mais cometido pelas mulheres que matam (1996, p. 794).

Aliás, é comum nas narrativas que colocam a mulher como assassina a presença de crimes privados, impulsionados pela paixão desenfreada e a expressão dos sentimentos (amor, paixão, ciúme) é o que aproxima essas figuras femininas míticas da esfera do real. Elas são vistas como delinqüentes da verdade e da legitimidade das normas e valores do Estado, já que seu espírito vingativo as leva a ter filhos ilegítimos, amantes, caracterizando-as como personagens dúbias, travestidas, falsas e dissimuladas. Essas características, por sua vez, fazem com que, em alguns momentos, elas consigam burlar a justiça estatal.

A Corriveau, se pensarmos na análise de um mito feminino em uma sociedade patriarcal, representa uma figura feminina fria e calculista, já que em determinado momento simulou toda uma situação para que

parecesse que quem havia matado seu marido teria sido seu pai e não ela. Mas será que não foi mesmo o pai? É possível que o crime tenha sido a ela transposto pela facilidade que se teria em explicá-lo tendo sido ele cometido por uma figura feminina. Isso acontece porque, se tomarmos ainda como base os estudos de Sylvie Dion, é possível afirmar que a justiça e a sanção popular são sempre as primeiras a condenar.

A comunidade organiza primeiramente seus próprios negócios e só depois as autoridades policiais são chamadas, ficando a violência conjugal restrita à área doméstica. O desvio, a

transgressão aos bons costumes eram severamente condenados pelo grupo, sobretudo as transgressões femininas. Tendo-se desviado dos valores sociais e dos costumes, a Corriveau transgrediu e sofreu as conseqüências. Tudo isso para mostrar os exemplos os quais não se deve seguir. Em se tratando de um estudo baseado na narrativa oral, é bastante difícil se ter uma prova concreta sobre aquilo que o povo conta. Assim, é possível dizermos que representar é trazer à tona fatos, experiências, dogmas, crenças pessoais e normas sociais. O que importa é o que é contado, a maneira como os fatos se desenvolvem de acordo com a sociedade em que são contados e o passar dos anos, mostrando que transgressões sempre haverá, o que muda é a forma de vê-las. A própria definição do que é transgressão está atrelada aos caracteres sociais, históricos e culturais, em constante metamorfose.

REFERÊNCIAS

Artigos de periódico:

DION, Sylvie. A legendificação do *fait divers*: o caso de Marie-Joseph Corriveau a enforcada engaiolada. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 30, n. 48, p. 83-93, 2005. LACOURCIÈRE, Luc. Le triple destin de Marie-Joseph Corriveau. *Les Cahiers des Dix*, n. 33, p. 213, 1968.

LUDMER, Josefina. Mujeres que matan. *Revista Iberoamericana*, Pittsburgh, v. 62, n. 176- 177, p. 781-797, jul.-dez. 1996.

Livros:

GUILBAULT, Nicole. *Il était cent fois La Corriveau*. Québec: Nuit Blanche, 1995.

KIRBY, William. Une empoisonneuse. In: _____. *Le Chien d'Or*. Montréal: Stanké, 1989.

HANCIAU, Nubia. *A Feiticeira no imaginário ficcional das Américas*. Rio Grande: FURG/Abecan, 2004.

HÉBERT, Anne. *A gaiola de ferro*. Trad. de Nubia Hanciau. Rio Grande: Ed. da FURG, 2000.

Sítios Internet:

Les Anciens Canadiens, de Philippe Aubert de Gaspé Pai. Disponível em: <<http://www.ibiblio.org/beq/pdf/index.htm>>. Acesso em: 26 set. 2008.

La Voisin. Disponível em:

<http://www.sheluna.com/histoire_legendes_ages.php>. Acesso em: 26 set. 2008.

<http://www.indianamarketing.com/nations/abenaq.htm>. Acesso em: 25 out. 2007.

http://www.ichs.ufop.br/nehm/images/Artigos_nehm/art_fernando_1.pdf. Acesso em: 14 nov 2008.